

VÉSPERA DE NATAL  
TEXTO: ISAÍAS 7.10-14

**Nota introdutória**

Eu vou propor nesse recurso homilético que a pregação no culto de Natal, que pode ser tanto na véspera quanto no dia mesmo, seja sobre a palavra de Deus do Antigo Testamento. O grande e importante ponto que entendo que pode ser abordado, é que Jesus, nascido da virgem Maria, é o sinal que o rei Acaz recusou.

O texto é uma continuação de um diálogo do Senhor com o rei Acaz. O profeta Isaías falou ao rei que ele era para se acalmar, não ter medo e se aquietar. Deus, ofereceu a Acaz uma chance de pedir um sinal que ele poderia confiar nessas promessas de Deus. Porém, Acaz interpretou como essa oferta como se fosse “tentar a Deus”, caso ele fosse pedir um sinal, e assim, ele “não tentou a Deus”.

Então o profeta Isaías disse ao povo que ele estava cansando a Deus [com essa atitude incrédula] e assim Deus mesmo decidiu dar um sinal: uma virgem dará à luz um filho que vai se chamar Emanuel.

Às vezes queremos e precisamos de sinais para termos certeza de que Deus está do nosso lado. Pois Jesus Cristo é o sinal de todos os dias, de todas as horas, a ser celebrado na véspera de Natal. Ele vem através do Evangelho ensinado e pregado; ele vem no Batismo; ele vem na Santa Ceia, ele habita em nosso coração; ele é o nosso advogado/amigo junto ao Pai.

Abaixo faço algumas considerações sobre o livro de Isaías e o texto selecionado para este dia. Julgo importante contextualizar tão linda promessa celebrada no Natal: “Portanto, o Senhor mesmo lhes dará um sinal: eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho e lhe chamará Emanuel” (Isaías 7.14).

**Pensamentos iniciais sobre o livro de Isaías**

Isaías é um livro que desvenda em sua dimensão quase que total o juízo de Deus e a salvação. Deus é o “Santo de Israel” (1.4), que pune seus filhos revoltados (1.2, 15), mas que os busca e os salva (41.14,16). Se preferirem, Lei e Evangelho.

O profeta escreveu durante um período muito tenso e tumultuado na vida política de Israel. O império assírio, com o rei Tiglate-Pileser III (745-727 a.C.) estava em ascensão, enquanto Israel em declínio. Em 733 a.C. Israel e a Síria pressionaram Acaz, rei de Judá, para se unir a eles e combater à Assíria. Porém, ao invés disso, Acaz se uniu ao rei da Assíria (2 Reis 16.5-8 – cf. 2 Crônicas 28.16-25).

Embora o texto de Crônicas nos informe que o rei da Assíria colocou Judá em aperto, ao invés de fortalecê-lo (2 Cr 28.20), Assíria auxiliou a Judá, e o Reino do Norte caiu em 722-721 a.C.). Só que isto deixou Judá ainda mais vulnerável e em 701 a.C., o rei Senaqueribe ameaçou Jerusalém (Is 36.1).

O piedoso rei Ezequias orou fervorosamente e Isaías anunciou que Deus forçaria a saída dos assírios de Jerusalém e seu exército destruído (Is 37.6-7; 36-38 – cf. 2 Reis 19.1-7). Mesmo com a pregação de Isaías alertando a Judá que seu pecado os acabaria levando para a escravidão nas mãos da Babilônia (Is 39.1-8), Isaías antevê a queda de Jerusalém, que ocorreu em 586 a.C., mas sua palavra também prevê a restauração e o retorno do cativo (Is 40.2-3). Deus promete restaurar a sorte a Israel, assim como já havia feito com seu povo na terra do Egito (Is 35).

Isaías também profetizou o surgimento do rei Ciro, da Pérsia, que uniu Medos e Persas para vencer a Babilônia, em 539 a.C. O decreto de Ciro permitiu a volta a Jerusalém em 538 a.C., uma libertação que prefigurou a maior salvação do pecado através de Cristo (Is 52.7).

Israel era uma nação cega e surda (Is 6.9-10 – cf. 5.8-30; 42.7), uma vinha que não dava mais frutos (5.1-7), um povo destituído do senso de justiça com pobres, viúvas e órfãos (5.7; 10.1-2). O juízo de Deus sobre Israel e outras nações é denominado de “Dia do Senhor” (5.30; 42.24-25). É uma intervenção divina, através do poder de outras nações, para abater os olhos altivos das pessoas (2.11, 17, 20).

É um dia associado no Novo Testamento com a segunda vinda de Jesus Cristo, para salvar e julgar, assim como foi a intervenção de Deus no Antigo Testamento (24.1, 21; 43.1-5).

O livro desenvolve-se ao longo de uma trajetória redentora-histórica, começando com um retrato de Sião na época de Isaías, ao mesmo tempo que atravessa várias crises político-militares. Depois avança através do exílio babilônico e restauração sob Ciro, para a renovação e glorificação de Sião no contexto dos novos céus e da nova terra. Apesar de toda disposição humana em se rebelar e se fazer de surdo para com a palavra de Deus, o

Senhor manteve sua intenção em mostrar a sua obra própria, ter misericórdia com seus filhos.

### **Isaías 7.10-14**

O texto de Isaías 7.10-14 só pode ser entendido quando houver uma compreensão tanto histórica quanto textual de Isaías 7.1-9. Quando ao contexto posterior (7.15ss), existe uma menção breve à dieta daquele filho da virgem e em seguida declarações de juízo contra Jerusalém, que não incidem em implicações significativas para compreensão do texto em estudo.

### **Contexto**

No reinado de Acáz, rei de Judá, os reis da Síria e de Israel atacaram a Judá (735-734), mas não obtiveram sucesso [eles queriam a união para lutar contra a Assíria]. Acáz e o povo ficaram assustados com a aliança entre Síria e Israel. Foi então que Deus chamou o profeta Isaías para que este encontrasse a Acáz e acalmasse o seu coração. O profeta disse que Israel e Síria não eram tudo isso e que em 65 anos Israel deixará de ser povo (2 Reis 17.24-34 – 670 a.C.). Isaías expressou a seriedade dessa profecia ao terminar com um pedido para Acáz crer nisto.

Para Acáz crer nessa mensagem de Deus, Isaías lhe ofereceu um sinal que ele poderia escolher. Porém, ele interpretou isto como tentar a Deus e assim não pediu. Isaías então mostra sua indignação com a incredulidade do rei e do povo, mas promete que o sinal que Acáz não quis, será para toda a humanidade e será dado pelo próprio Deus: a virgem conceberá, dará à luz um filho que será chamado de Emanuel.

O retorno à dieta simples é decorrente da invasão assíria e as dificuldades na agropecuária (cf.7.21-25). Quando o menino tinha 12 a 13 anos (722/721 a.C.) ele faria uso dessa dieta. Mas antes desses 12 a 13 anos, a terra será destruída (732 a.C.), quando ele tinha mais ou menos 2 anos.

**vv.10-11:** E o Senhor continuou a falar com Acáz, dizendo: — Peça ao Senhor, seu Deus, um sinal, quer seja embaixo, nas profundezas, ou em cima, nas alturas.

Acáz não responde ao apelo à fé feito pelo profeta Isaías. Apesar de tudo, Deus ainda se doa a si mesmo por esse seu filho, não o abandona, e lhe oferece o caminho da fé.

O rei pode escolher um sinal no domínio do mundo inferior ou superior. Na terra ou nos céus (Is 38.7 – sinal para Ezequias).

**v.12:** Acáz, porém, disse: — Não pedirei, nem tentarei o Senhor.

Mas Acáz recusou essa oferta amorosa de Deus. Ele crê que isto seria testar a Deus, pois isto seria um ato de incredulidade e pecaminoso (Dt 6.16). Porém, a recusa revela uma pretensa e inexistente piedade. Ele não quer seguir o caminho da fé. Provavelmente, em sua mente já estava sendo construída a ideia da aliança com o rei da Assíria, o que de fato aconteceu (2 Rs 16.7).

A pregação de Isaías produziu endurecimento no coração do rei Acáz (Is 6.9-10)

**v.13:** Então Isaías disse: — Agora escute, ó casa de Davi! Será que não basta vocês abusarem da paciência dos homens? Querem abusar também da paciência do meu Deus?

Isaías reagiu com indignação. Ele se dirige a todo o povo, possivelmente porque todos foram coniventes nesse ato de incredulidade. O profeta acusa o povo de testar a paciência das pessoas, talvez dele próprio, mas do próprio Deus, que pacientemente tentou convencer a Acáz a crer.

**v.14:** Portanto, o Senhor mesmo lhes dará um sinal: eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho e lhe chamará Emanuel.

Esta profecia é da maior importância, mas também é revestida de grandes controvérsias. O fato é que o cumprimento final deste texto se dá com o nascimento de Cristo, mas seu significado inicial pode estar em outro fato no qual encontrou cumprimento que prefigurou o nascimento virginal de Jesus.

O termo em Isaías 7.14 para virgem é *almah*, cujo significado se refere à uma mulher jovem em que uma das características é a virgindade, Interessante que a LXX traduz por *parthenos*, indicando a predição ao nascimento virginal de Jesus. Segundo os estudiosos, “Não existe nenhum caso que comprove que *almah* indica uma jovem mulher que não é virgem. O elemento virgindade é óbvio em Gn 24.43, em que se usa *almah* em referência àquela que estava sendo procurada para ser noiva de Isaque” (Dicionário Teológico do Antigo Testamento, p.1.125 – cf Ex 3.8).

É claro que temos que considerar que há questionamentos dessa verdade. Nesse caso, sugiro chamar o “VAR teológico” (expressão usada pelo professor Fukue), que nos remete ao Credo Apostólico, “nasceu da virgem Maria”.

Em Mateus 1.22-23, o evangelista faz menção direta à essa profecia de Isaías e aí o debate é sobre a natureza dessa alusão. Há aqueles que entendem que foi apenas um

comentário, “[...] mas é razoável considerar que o argumento que convenceu José foi o fato, que o anjo lhe destacou, de que tal acontecimento já fora predito por Isaías” (Dicionário Teológico do AT, p.1.125).

Isaías havia se dirigido a Acaz e lhe assegurado que Deus é fiel e não o deixaria. O Deus da aliança sempre esteve, está e estará presente com os seus, assim como estaria no Filho encarnado que nasceria da virgem. O relacionamento de Deus para com seu em todos os tempos está resumido na expressão “Emanuel”. Emanuel (*Imanu El*) é um nome próprio que aparece duas vezes (Is 7.14; 8.8).

### **Considerações**

A descrição da liderança humana falha em Sião é justaposta com o anúncio de um governante que irá reinar em justiça (Is 9-11 | 32-33). “Eis aí um rei que irá reinar com justiça, e príncipes que irão governar com retidão” (Isaías 32.1 | cf. 33.17, 22);

A quietude e a confiança que faltavam nos dias de Isaías serão então experimentadas para sempre (cf. 30.15 e 32.17). Ele é Emanuel, o Deus que está conosco (7.14; 8.8-9), que está por detrás de cada ato de julgamento ou salvação, independentemente de quem possa ser o seu agente imediato. As palavras em Isaías funcionam como um testemunho profético da palavra divina que aborda os medos e as esperanças do povo de Deus no contexto da sua situação histórica. O filho da virgem é o verdadeiro Rei, o rei Jesus. O rei que foi corado com uma coroa de espinhos, mas que sempre reinou e sempre reinará”

### **Relação com as outras leituras do dia**

**Salmo 110.1-4:** aponta para o Rei/Sacerdote Jesus. Foi composto para entronização de um novo rei davídico. Pela forma como esse salmo foi interpretado no Novo Testamento (Mt 22.43-45; Mc 12.36-37; At 2.34-36; Hb 1.13), ele é uma expressão profética da coroação de Jesus como o Rei e Senhor, o sinal de que Deus está do lado do seu povo. Davi, inspirado pelo Espírito Santo, compôs o salmo provavelmente para a coroação do seu filho, Salomão, mas em suas palavras já é possível ver além, para “o Senhor de Davi”, o Messias.

**1 Jo 4.7-16:** Deus é essencialmente amor em todas as suas ações. Ele ofereceu o sinal a Acáz porque ele ama o seu povo. Ele enviou o seu filho ao mundo, “porque o amou de tal maneira”.

**Mt 1.18-25:** é a descrição do “nascimento do sinal de Deus”, recusado por Acáz em Isaías, mas prometido para toda a humanidade.

### **Reflexão homilética**

A celebração deste dia pode nos conduzir à lembrança e à verdade de que Deus vai até as últimas consequências para mostrar que está do lado dos seus filhos e o sinal recusado por Ezequias, acabou-se tornando o sinal para toda a humanidade.

Em meio aos nossos medos, angústias e quaisquer outros sentimentos e situações adversas que podem nos tirar as esperanças, Deus quer nos dizer nessa celebração natalina que ele sempre se posiciona a favor dos seus filhos, embora, muitas vezes, não pareça, porque no mundo passamos por aflições e os dias maus parecem ser em maior número que os dias bons. Todavia, “se Deus é por nós, quem será contra nós”? (Rm 8.31).

O sinal recusado por Acáz, é o sinal para toda a humanidade, Jesus nasceu de uma virgem e agora esse sinal se torna concreto na vida de cada um individualmente, pois Jesus vem até nós no Batismo, na Palavra, na Santa Ceia e na consolação mútua dos irmãos, para nos perdoar, devolver a verdadeira esperança, acalmar nossos medos e nos cercar com o seu paterno cuidado.

Rev. Anselmo Ernesto Graff